



A USINA DE BELO MONTE E O DANOS CAUSADOS ÀS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DA REGIÃO

Anna Julia Soté KAMERS¹; Adrielly Kalck KISTER¹; Pamela Rayane Moreira da SILVA¹

1. Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná

Construída na bacia do Rio Xingu/Pará, a Usina de Belo Monte é considerada a terceira maior do mundo, e encontra-se localizada próxima ao município de Altamira, no sudoeste do Pará. Essa construção vem gerando muitas controvérsias no que diz respeito à questão ambiental e à questão energética. De um lado temos as populações tradicionais e indígenas, bem como pesquisadores, ativistas e grupos ambientalistas que questionam os impactos da construção dessa usina, de outro o Governo, que defende sua construção em prol do aumento da produção de energia no país e do progresso. Apesar que, uma vez concluída, Belo Monte se tornará a segunda maior usina hidrelétrica do país e a terceira maior do mundo. No entanto, pode-se considerar como progresso sacrificar a cultura dos povos tradicionais em prol desse projeto? Por que a população que sofre com as consequências é também a população que paga uma das tarifas de energia mais caras do Brasil? Por que essa energia não abastece a população local? A par disso, analisaremos os problemas causados aos povos indígenas e tradicionais atingidos e apresentar os prós e contras dessa obra, entendendo o problema como um todo, apontando seus erros de execução, suas consequências, a problemática da construção de uma usina de grande porte, tendo em vista que sua matéria prima não é totalmente renovável, e apresentar sugestões para diminuir o impacto causado. A pesquisa foi realizada pelo método dedutivo porque partiu-se do estudo teórico por meio de livros, artigos científicos, teses, reportagens e materiais jurídicos sobre o estudo de caso da Usina de Belo Monte/PA. A metodologia da pesquisa então é bibliográfica, exploratória e com abordagem qualitativa. Apesar dos benefícios de uma usina de tal porte no território nacional, muitos problemas previstos no projeto vieram a ocorrer, como o isolamento das áreas de comunidades ribeirinhas e a ameaça de desapropriação das terras indígenas. Comunidades tradicionais, também preocupadas com o meio ambiente, terão suas vidas profundamente alteradas na região. Parte da barragem no sítio Pimental impedirá a navegação de populações ribeirinhas e de índios, além de contribuir para a formação de pequenos lagos com água parada, que poderão contribuir para a difusão de doenças, como a malária. Parte dessa população deverá ser remanejada de suas áreas de ocupação original, o que não é aceito por ela, uma vez que a região onde se encontram guarda os seus recursos, a sua história e as suas tradições culturais. Tais consequências foram trazidas a essa população em nome do progresso, porém podemos considerar progresso quando toda uma comunidade é atingida em prol da realização de um projeto no qual a capacidade de produção gera oscilações durante todo o ano, sendo que a população que reside e sofre as consequências trazidas por tal construção, nem sequer desfrutam dos benefícios trazidos por ela? A energia gerada pela usina, que não pode ser considerada totalmente renovável, não é suficiente para justificar o seu investimento e todos os sacrifícios feitos para que essa pudesse ser realizada, o que demonstra a necessidade ainda maior de se debater sobre o tema, e buscar entender o porquê de sua construção mesmo com tantos apontamentos



desfavoráveis a ela. A construção desta usina não terá reservatório de água e dependerá da sazonalidade das chuvas. Em época de cheia a usina deverá operar com metade da capacidade, porém em tempo de seca a geração de energia pode ir um pouco abaixo de 4,5 mil MW. A construção da hidrelétrica além de não gerar energia limpa e totalmente renovável obriga indígenas e ribeirinhos a abandonarem suas casas de ocupação originária, causando até mesmo o etnocídio desses povos. Para somar a essas críticas, grupos ambientalistas, como o Greenpeace, argumentam contra a necessidade da construção da usina, haja vista que ela não deverá atingir a capacidade máxima de produção prevista pelo Governo e não gerará energia que justifique seu investimento. Devido a tantos impactos culturais causados pela construção desta infraestrutura, a mesma já foi paralisada e retomada muitas vezes, e todo esse processo que já causou e ainda causa tantos danos já dura mais de 20 anos, mas mesmo vendo como a usina pode vir a prejudicar mais do que a acrescentar isso não impediu o andamento da sua construção, que segue até hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Povos Indígenas. Ribeirinhos. Energia. Usina de Belo Monte/PA.